

RESENHA

Cartografias da ditadura e suas moralidades: os seres que aprendemos a ser, de Dinamara Garcia Feldens. Maceió: Edufal, 2008.

Giovana Scareli¹

Acabo de ler o livro *Cartografias da ditadura e suas moralidades: os seres que aprendemos a ser*, de Dinamara Garcia Feldens, e um gosto amargo me assalta, não o do fel, mas o do café muito torrado que, embora seja gostoso no início, deixa um amargor na garganta, no final.

Talvez seja essa a imagem/sensação que gostaria de passar para o leitor neste início de texto.

A leitura do texto de Feldens tem um sabor instigante do início ao fim, mais ainda na terceira parte, denominada “O texto”, em que trabalha efetivamente com os depoimentos coletados em longas entrevistas/conversas com os sujeitos de sua pesquisa.

O livro, fruto de sua tese de doutorado, está organizado em três partes: “O pretexto”, “O contexto” e “O texto”. A autora faz uma breve “Introdução”, de cunho biográfico, na qual relata aspectos de sua vida e de suas relações com o período da ditadura, através das conversas e do movimento dos seus pais e de alguns amigos da família. Sua relação com o período militar vem de “berço”. Seus pais, muitas vezes confundidos com comunistas, estavam sempre no limiar e na iminência de uma acusação. Os filhos sofriam essas rebarbas.

No primeiro bloco de seu livro, denominado “O pretexto”, a autora apresenta os sujeitos que foram entrevistados por ela: professoras que lecionavam no período da ditadura militar; entretanto, por algumas razões, ficaram reduzidas somente a quatro, nenhuma delas professora da autora.

Embora com uma escrita próxima à literária, Feldens segue as normas do trabalho acadêmico, apresentando as concepções teóricas que nortearam sua pesquisa, a metodologia utilizada e os resultados. Porém, foge de títulos comuns. Seu problema de pesquisa foi “entender as subjetividades produzidas durante o golpe, suas cartografias e moralidades, sob a perspectiva de seus elementos, de seus signos, de suas forças, de seus movimentos.” (FELDENS, 2008, p. 28).

A autora analisa os discursos das professoras, seus relatos, mas afirma não ter trabalhado com análise do discurso, nem com história oral. Ao longo do texto, vamos percebendo que os relatos ou depoimentos auxiliam-na a entender e a construir sua teoria sobre as subjetividades que são produzidas e a encontrar o “ditador” que existe em nós — seres lapidados pelo regime militar, filhos e netos desse período de nossa história.

Feldens (op. cit., p. 30) afirma que “o sujeito é uma construção – ele é impessoal”. Porém, tem construções bem difíceis de desmornar. Ser construído pelo regime militar é como uma construção para suportar terremotos, é difícil ser abalada.

No segundo bloco do livro, “O contexto”, a autora irá desenvolver os conceitos com os quais trabalha, nos quais acredita, que discute, dos quais duvida. Para isso, utiliza-se de autores como Nietzsche, Foucault, Deleuze e Guattari, principalmente.

Nesse capítulo, tem início o trabalho com as falas dos sujeitos, e começamos a conhecer as pessoas com quem manteremos con-

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (Unit) de Aracaju (SE). E-mail: gscareli@yahoo.com.br

tato até o final do livro. Com alguns longos depoimentos inseridos no texto, percebemos um discurso introjetado, marcado naquelas pessoas. Feldens pergunta: “E daí, neste tempo, tem alguma coisa que te marcou?”, e Carla responde: “Não, só que tinha aquele policiamento que tinha que ter, sobre as ideias e conselhos que nem todos podiam emitir [...] que era assim, meio severo!” (Ibidem, p. 111).

Aceitar um policiamento (severo), principalmente sobre as ideias, acreditar que isso era legítimo (tinha que), é estar profundamente marcado por um discurso ditador, militarizado, acrítico, que se reafirma ao longo do depoimento.

Eu ficava com medo, mas também eu acho assim: como a gente estava envolvida com aquilo, isto era maior que a gente, a gente se conformava e nem sentia... A gente não sentia como é que isto poderia ser diferente, de uma outra maneira, porque, afinal, se conformava com aquela situação e desde que tu ganhasse teu dinheirinho e conseguisse sobreviver... tu ia levando a vida. (Ibidem, p. 112-113).

É interessante a nossa incapacidade para refletir, analisar fatos que estão acontecendo no presente. Poucos são aqueles que têm informações e capacidade para examinar acontecimentos que estão no seu auge. Geralmente, depois de algum tempo é que esses fatos são tomados como objetos de estudo, e é possível tomar distância, analisar com mais frieza. Porém, afirmar que “se conformava e nem sentia” é algo assustador. Conformar-se com pessoas desaparecendo, com a falta de informações que antes eram veiculadas e passaram a não mais existir, como ocorria com diversos jornais, cujos jornalistas eram perseguidos e não podiam mais voltar; com propagandas políticas que exaltavam o Estado, sem nenhuma crítica; com preceitos, regras, normas... é muito conformismo. Feldens chama atenção para o verbo “sobreviver”, e eu chamarei a atenção para a expressão “levando a vida”. Carla conforma-se, aceita e nem sente o período de guerra que estava vivendo, porque conseguia ganhar seu “dinheirinho” e “levar a vida”.

Princípios individualistas eram inculcados, do tipo: preocupe-se com você, seja bem-comportado, disciplinado, ou terá problemas. Não pense coletivamente, não forme grupos, não discuta,

apenas faça seu trabalho, ganhe seu dinheiro e nada de ruim acontecerá a você.

Esse individualismo também provocava a justificativa em forma de questão, que Carla aponta: “como isso poderia ser diferente”. Ela afirma que não sentia como poderia ser diferente, de outra maneira. Em diversos momentos da história, podemos não saber como agir em determinadas situações, mas sentir é um verbo muito forte. Há um conformismo tão grande, um controle, uma resignação, que as pessoas já não sentem. Pensar e agir, menos ainda. Se não se sente algo, como refletir sobre isso, como reagir?

No último capítulo, denominado “O texto”, a autora irá trabalhar de maneira mais efetiva com os depoimentos. Feldens não está à procura da “verdade”, nem de “verdades”, mas percebe essa preocupação nos depoimentos e cita Nietzsche: “as verdades são ilusões” (Ibidem, p. 134). Buscam-se indícios de subjetivações “ditadoras” produzidas naquelas professoras. Para isso, utiliza-se de algo fluido, de um terreno movediço – a memória.

Os depoimentos vão-nos mostrando “verdades produzidas pela ditadura” (Ibidem), capturas, esquecimentos, conformidades, ditaduras, silêncios.

O livro de Feldens é de fácil leitura, porém de difícil digestão, já que as memórias ali contidas remetem-nos a um período ainda atravessado em nossa garganta. No entanto, é uma leitura altamente recomendada, não só por tratar desse período, mas por aproximar-nos de uma situação muito peculiar: como viviam essas mulheres, professoras, no regime militar? Não se trata de uma amostragem que queira verificar a situação de mulheres na ditadura no Brasil; trata-se de algo singular, das microrrelações, de histórias de quatro mulheres, principalmente, as quais, por ocasião da pesquisa, puderam rever, lembrar, repensar, reconstruir suas vidas naquele momento da história. Um trabalho de escuta, de leitura, de sensibilidade que a autora atravessou, também com suas memórias, com seus preconceitos, mas que soube ouvir. E retirou desses relatos um lindo texto sobre viver num período tão difícil, sendo mulher e sendo professora.

Recebido em dezembro de 2009 e aceito em abril de 2010.